

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM A LINHA DE SOMBRA
14 de outubro de 2023

A STORY FROM AFRICA (2019)

Realização: Billy Woodberry / **Montagem:** Luís Nunes / **Música e Som:** António de Sousa Dias

Produtor: Rui Alexandre Santos / **Produção:** Divina Comédia / **Cópia digital** (DCP), a preto e branco, com intertítulos em inglês e legendas em português / **Duração:** 32 minutos / **Estreia Mundial:** 20 de outubro de 2019, no Doclisboa / *Primeira exibição na Cinemateca.*

50 ANOS NO SUL DE ANGOLA (2019)

Fotografia, Montagem, Som e Texto: Inês Ponte

Cópia digital, com fotografias a cores e a preto e branco, falada em português / **Duração:** 8 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca*

MISSÃO SUDOESTE DE ANGOLA: AFINAL QUEM NOS DEFINE? (2022)

Realização, câmara e som direto: Carla Osório / **Consultoria de pesquisa:** Cristina Bastos, Inês Ponte, Filipa Lowndes Vicente, Rosa Melo / **Montagem, pós-produção, tradução e legendagem:** Raquel Carrilho / **Textos e glossário:** Rosa Melo

Produtora: Maria Concetta Lo Bosco e Carla Osório/ **Produção:** The Colour of Labour: the racialised lives of migrants, com apoio ERC (European Research Council) e Secretaria da Cultura do Estado do Espírito Santo/ **Cópia digital** (DCP), a cores, falada em português com intertítulos em português e legendas em inglês / **Duração:** 20 minutos/ *Primeira exibição na Cinemateca*

The camera has often been a dire instrument. In Africa, as in most parts of the dispossessed world, the camera arrives as a part of the colonial paraphernalia, together with the gun and the bible, diarising events, the exotic and the profound, cataloguing the converted and the hanged.¹
Yvonne Vera (1999)

As palavras de Yvonne Vera, citadas no início do livro *Photography in Portuguese Colonial Africa 1860–1975*, salientam o papel importantíssimo da fotografia e dos arquivos no empreendimento colonial. Para além de registar as conquistas militares e o desenvolvimento daquele que se considerava um processo de “civilização e evangelização”, a fotografia realizada no âmbito da etnografia e da antropologia respondia ainda à necessidade de adquirir conhecimento em relação ao *outro*, com o intuito de categorizá-lo a partir de uma perspetiva europeia, enquadrando-o num quadro de conhecimento inteligível para o colonizador; um conhecimento que tinha como objetivo a dominação.

50 ANOS NO SUL DE ANGOLA é um ensaio-fílmico sobre o trabalho do missionário, fotógrafo e etnógrafo Carlos Estermann. As fotografias mostradas revelam uma dupla relação de Estermann com a fotografia: enquanto *observador*/fotógrafo, e enquanto *observado*/fotografado. As imagens captadas pelo missionário, como descreve a realizadora, não se encaixam num só estilo ou tema, são fotografias

¹ Yvonne Vera, *Thatha Camera – The Pursuit for Reality*, Bulawayo: National Gallery of Zimbabwe, 1999, p.3

de caçadores recolectores, agricultores, pastores, mas também elementos culturais (penteados e adornos femininos). Já as imagens em que o vemos, mostram-no a interagir com as populações locais ou a fazer o papel de intérprete e tradutor entre estas e os visitantes. Estermann reconhecia que conhecer os colonos e conseguir comunicar com eles era essencial para o seu trabalho de “evangelização”.

As fotografias de Estermann configuram-se como documento visual sobre as populações que o missionário encontra nesta zona de Angola. Contudo, é importante assinalar as suas limitações enquanto tal, considerando o seu contexto de produção. Em *MISSÃO SUDOESTE DE ANGOLA*, somos confrontados com a questão: afinal, quem define as pessoas representadas nas fotografias captadas no período colonial? Como olhar estas imagens numa perspetiva decolonial, que desafie o discurso e a visão por detrás da sua criação?

O álbum *Missão do Real Padroado da Huila*, produzido pela missão católica espiritana na região entre 1886 e 1891, apresenta mais de 40 fotografias a preto e branco, algumas com legendas descritivas, que pretendiam representar o trabalho dos missionários católicos nesta região de Angola, apresentando vários grupos de crianças e jovens africanos na companhia dos membros do clero nas mais diversas atividades. Estas são as imagens que vemos no filme de Carla Osório, comentadas pela antropóloga Rosa Melo, descendente dos Handa, grupo étnico do sudoeste angolano. A partir do arquivo, reconstruem-se as histórias, as tradições e os elementos culturais que foram esquecidos, apagados e eliminados pela violência do colonialismo. *MISSÃO SUDOESTE DE ANGOLA* revela como a violência colonial (que os discursos nostálgicos e romantizados procuram refutar com o mito do lusotropicalismo), para além do seu caráter físico e bélico, se concretiza também no âmbito cultural e identitário. Assim, o que vemos (mas, sobretudo, o que lemos e ouvimos) neste filme, oferece uma alternativa ao discurso e às narrativas coloniais, através das palavras de uma descende de uma das populações representadas nas fotografias. Contrariando o silenciamento do sujeito negro, imposto pela violência do colonialismo – pela eliminação dos seus elementos culturais, e, particularmente, das suas línguas –, esta *tomada de voz* revela-se profundamente subversiva e revolucionária.

Em *Photography in Portuguese Colonial Africa 1860–1975*, Filipa Lowndes Vicente e Afonso Dias Ramos assinalam uma tendência no âmbito das ciências sociais e da produção artística contemporânea, que se caracteriza por um crescente interesse na exploração dos arquivos e das imagens produzidos no período colonial. No contexto pós-colonial, estas abordagens propõem uma revisão crítica das narrativas históricas hegemónicas que esses mesmos arquivos pretendiam sustentar, com o intuito de desconstruir as estruturas coloniais que *enformam* a sociedade contemporânea, contribuindo para uma descolonização epistémica. Os filmes que integram esta sessão podem ser entendidos dentro deste movimento no campo artístico.

Durante as pesquisas para o seu documentário sobre Mário Pinto de Andrade, Billy Woodberry encontra a primeira imagem que vemos no seu filme: uma grande fotografia de grupo com uma fila de pessoas africanas algemadas em cativo, em frente a um grupo de homens africanos vestidos com uniformes militares e armados com espingardas e, no centro, um homem branco com um capacete colonial associado às explorações coloniais nos trópicos (Director’s Note); uma fotografia para a qual posam, como se se procurasse imortalizar um momento, uma *conquista*. Percorremos esta imagem gradualmente, desvendando as várias “camadas” que a compõem, e somos confrontados com os olhares destas figuras, com a sua interpelação silenciosa. O desconforto provocado por este confronto suspende e subverte, subtilmente, a relação entre observador e observado. Esta imagem, que Woodberry inicialmente pensava ter sido captada durante o período da escravatura, revela-se parte de uma série realizada em 1907, no sudeste angolano, durante a chamada campanha de “pacificação” portuguesa.

Após as resoluções da Conferência de Berlim, que determina os termos que definem a colonização dos territórios africanos segundo um princípio de ocupação efetiva, Portugal prepara um grande contingente de homens e armas com o intuito de liderar “uma missão civilizadora” no interior de Angola e Moçambique. Em 1904, os portugueses são derrotados pelos Cuamata naquele que ficou conhecido como o “desastre do Vau do Pembe”, e que resultou na morte de centenas de soldados portugueses.

Como resposta, o exército português prepara um corpo expedicionário bem organizado para realizar a Campanha de Cuamato, comandada por Alves Roçadas, junto ao rio Cunene, com o objetivo de ocupar a “parte portuguesa” do Ovambo (um território dividido entre a Alemanha e Portugal pelo acordo de 1866), e acabar com a resistência dos Cuamatos. Woodberry descobre que esta é a história por detrás desta imagem, captada por Velloso de Castro, militar que realizou centenas de fotografias em Angola.

Em *STORY FROM AFRICA*, as imagens desta Campanha, são combinadas com um texto que narra os acontecimentos daqueles dias, criado a partir da leitura do livro do fotógrafo, cujo prefácio foi escrito apenas seis meses depois dos acontecimentos; “um diário visual pormenorizado da campanha que ele fotografou e documentou com anotações a vermelho que registam lugares e pessoas e a relação com elas”, como descreve Woodberry em entrevista à *Buala*.

O significado destas fotografias joga-se na tensão entre o visível e o latente; isto é, entre aquilo que as imagens pretendem (e parecem) evidenciar, que é um reflexo do contexto colonial em que são produzidas, e aquilo que revelam fortuitamente, desafiando a narrativa hegemónica. Assim, estas fotografias, concebidas com o intuito de eternizar “a contribuição” do império português para a “civilização”, contam também uma história de África, marcada pela violência do colonialismo e por uma forte resistência dos africanos. Ao expor a forma violenta como o império colonial português procurou dominar e travar a resistência africana, esta história desafia o mito do lusotropicalismo, instrumentalizado pelo Estado Novo, já no período do colonialismo tardio, para justificar a sua intransigência em manter um império colonial. Além disso, *A STORY FROM AFRICA* revela uma parte da história das longa e contínua resistência africana ao colonialismo, que culminará nas lutas pela libertação das décadas de 60 e 70, deliberadamente ignorada na narrativa histórica do colonialismo português. Na ausência de uma descolonização epistémica efetiva, o mito de um império colonial menos violento reina ainda no discurso generalizado sobre o colonialismo português, materializando-se hoje em narrativas romantizadas e nostálgicas. Neste contexto, os filmes que apresentamos nesta sessão revelam-se trabalhos importantíssimos para uma releitura crítica do passado colonial português e das suas consequências num presente pós-colonial.

Sara Oliveira Duarte